

Gesto como categoria linguística: incorporação ou exterioridade teórica?

Gesture as linguistic category: incorporation or theoretical exteriority?

Silvana Silva ¹

RESUMO

No presente artigo, apresentamos uma discussão do gesto como categoria linguística, a partir da problematização inicial de Badir (2019), a qual nos remete aos enlaces entre a Retórica e o paradigma dos Estudos Enunciativos, bem como à articulação gesto e figura. Partimos da tradição retórica e seus enlaces com a linguística, tal como desenhada por Fiorin (2020), bem como aprofundamos uma possível abordagem da relação gesto e figura no texto “Observações da função freudiana na linguagem”, de Émile Benveniste. Nesse texto, constatamos que a enunciação está vinculada à chamada propriedade correspondencial da linguagem. Por fim, abordamos a noção de figura e sua relação com a dimensão inconsciente em Lyotard (1971). A título de ilustração da propriedade correspondencial da linguagem, elaboramos uma análise de dois poemas, *Los espejos* e *Al espejo*, sobre o espelho de Jorge Luis Borges.

Palavras-chave: Gesto. Figura de linguagem. Teoria de linguagem.

ABSTRACT

In this article, we discuss gesture as a linguistic category, based on Badir's problematization (2016), that show the relation between Rethorics and Enunciation studies and the articulation between gesture and figure. Our starting point is the rhetorical tradition and its links with linguistics (as conceived by Fiorin, 2020) and we explore a possible approach to the gesture-figure relationship in the text “Remarks on the function of language in Freudian discovery” by Émile Benveniste. In this text, we find that the utterance is related to the corresponding property of language. Finally, we approach the notion of figure and its relation with the unconscious dimension in Lyotard (1971). To illustrate the corresponding property of language, we develop an analysis of two poems, *Los espejos* and *Al espejo*, by Jorge Luis Borges about the mirror.

Keywords: Gesture. Figure of language. Theory of Language.

1 INTRODUÇÃO: GESTO, ANTECEDENTES DA QUESTÃO

Não é de hoje que a noção de “enunciação” causa espanto: basta atentar-nos na frase – espécie de aviso – presente no texto “O aparelho formal da enunciação” (PLG II):

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? – É preciso ter cuidado com a condição específica da

¹ Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Estudos Linguísticos (UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4069-580X> Email: ssilvana2011@gmail.com.



enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto da enunciação que é nosso objeto. (BENVENISTE, 1990, p. 82)

Na sequência do parágrafo da citação, Benveniste segue reafirmando a centralidade do *ato* na constituição da enunciação. Essa insistência mostra que uma certa noção “móvel” (e movediça) deve ser mobilizada para compreender os processos da enunciação. Como demonstraremos a seguir com algum detalhe, há, segundo Lyotard (1971), além de uma dimensão funcional e operatória na língua, uma dimensão “energética” na relação língua e discurso. Além disso, como nos bem lembra Flores (2012), há uma certa “flutuação terminológica” em Benveniste.

Levando a sério essa afirmação, surpreendemos a noção de *gesto* na constituição de um termo de vocabulário em nossa leitura de Vocabulário das Instituições Indo-Europeias, mais especificamente, no texto “Philos” (Livro *Os estatutos sociais*). A reflexão resultante está em Silva (2016). Encontramos ainda o trabalho de Badir et. al. (2019). Nesse texto, os autores convocam Benveniste como “balizador” para a teorização sobre o gesto, mas acabam situando essa problemática de forma mais ampla na linguística contemporânea, em especial, nos estudos da retórica, na linguística do texto, na semiótica e mesmo na filosofia. Essa zona ‘indeterminada’ mostra bem que o conceito de gesto merece grande mobilização para compreensão e nos levou a constituir o objetivo central desse trabalho, qual seja, *elaborar uma categorização linguística para a noção de gesto bem como responder se a teorização do gesto supõe uma incorporação à linguística ou uma exterioridade teórica*.

As relações entre temas e problemas da enunciação e da retórica estão bem demarcadas ainda em outro linguista brasileiro: Fiorin (2020). O linguista nos informa que a Linguística surge num momento de declínio da Retórica, a saber, no final do século XIX. Embora não assinale diretamente a correlação entre esses dois fatos, nos mostra que as condições intelectuais de surgimento da Linguística, a saber, a de busca de um ideal de cientificidade herdeiro das ciências naturais, são determinantes para que “a linguística, em seu início, não tenha qualquer relação com a retórica ou dialética” (p. 13). Esse cenário é rapidamente modificado em meados do século XX. Novas condições surgem para a reaproximação da linguística à retórica: as considerações de Kuhn de que a ciência é resultado de um modelo paradigmático; os movimentos literários, como surrealismo e outros, que contestam a ideia de indivíduo e de genialidade no fato artístico; os estudos das novas mídias e a vinculação entre imagens, poder e artefatos; a revalorização do estudo científico de dialetos, linguagens de especialidade e do poliglotismo. O passo decisivo nessa reaproximação se dá, segundo Fiorin (2020): “**Com Benveniste**, a ciência da linguagem passa a operar com unidades transfrásticas, o que permite criar uma linguística que tenha como unidade o texto, plano de





manifestação do discurso. É essa linguística e não a da frase que se avizinha da retórica” (p. 14, grifos nossos).

Apesar de Fiorin (2020) não deixar tão claro, sua organização textual nos leva a pensar que, para ele, Benveniste é uma espécie de “marco inaugural”, um *fundador de discursividade*, capaz de elaborar um *discurso constituinte* (MAINGUENEAU, 2008). A partir desse discurso fundador, as pesquisas sobre o discurso são possíveis. Como decorrência do legado benvenistiano, Fiorin (2020) refere-se a diversos grupos de pesquisa, tais como o Grupo μ (Grupo de Pesquisa da Universidade de Liège, Bélgica, fundado por Dubois e outros, ao qual se integrou mais tarde o professor Semir Badir), a semiótica tensiva de Claude Zilberberg e o Tratado da Nova Retórica de Perelman. Como percebemos, tais perspectivas enfatizam abordagens estéticas ou semióticas e também abordagens argumentativas. A dimensão da retoricidade geral da linguagem fica, assim, eclipsada por uma dispersão e difusão de grupos com interesses específicos. Nesse sentido, Batista (2014, posição 580) propõe quatro modelos historiográficos em que é possível analisar o desenvolvimento do estudo da linguagem, dentre os quais, destacamos:

III. uma abordagem atenta ao processo histórico dinâmico, no qual correntes teóricas e práticas de tratamento da linguagem alternam-se em sucessos e fracassos. Pode-se dessa forma adotar como pressuposto uma historiografia de *continuidades e descontinuidades*, na qual a presença de uma proposta não elimina as outras. [...] (BATISTA, 2014, posição 580)

A nosso ver, a dimensão retórica da linguagem pede um *modelo de continuidades e descontinuidades*, tal como apontado por Fiorin (2020), ao indicar que os estudos retóricos se mantiveram ativos em diferentes épocas e diferentes instituições. Talvez um dos motivos da pouca visibilidade da discussão retórica nos estudos enunciativos no Brasil seja a ênfase na leitura de Benveniste a partir da dimensão alteritária ou intersubjetiva.²

Batista (2014) apresenta ainda outra contribuição interessante aos estudos historiográficos: *a abordagem por programas de investigação*. Por meio da determinação de um *programa de investigação* - que constitui um “conjunto de modos de tratamento da linguagem definidos por procedimentos adotados e resultados alcançados por pesquisadores nos estudos linguísticos, ou seja, associação de diferentes escolas, teorias, autores, que pode ser caracterizada tendo em vista a adoção de perspectivas teóricas sobre a linguagem, a escolha de componentes linguísticos privilegiados ou

² No site *Estudos Saussurianos e Benvenistianos* (UFRGS), em análise dos títulos dos artigos dos 11 Dossiês Temáticos lá contidos, localizamos somente o artigo de Sabrina Vier (2018), que trata da noção de “correspondência” ao se referir ao estudo do discurso de Baudelaire empreendido por Benveniste, a partir da “correspondência” com imagens contidas em seus manuscritos.





excluídos nas tarefas descritivo-analíticas” - (posição 856), - é possível que o historiador delimite as perspectivas de trabalho, os autores escolhidos, uniformize os tipos de pesquisa e principalmente focalize uma função ou ‘programa’ da linguagem. Essa observação é bastante útil para nosso trabalho, pois nos obriga a circunscrever nossa discussão sobre o gesto nos textos sobre enunciação que dialogam com os aspectos retóricos da linguagem bem como “abrir” a discussão à filosofia ou à psicologia, na exata medida que elas são “convocadas” pelos estudos da linguagem.

Feita a problematização inicial, é hora de retomar a discussão sobre o *gesto* em Silva (2017) e Badir et. al. (2019). Da discussão de Silva (2017), procuraremos retrazar seu percurso de construção da noção de gesto. Segundo o título, o gesto seria um *ponto de partida para entender as relações entre língua e sociedade*. Durante a leitura do texto, percebemos que tal percurso é bastante “acidentado”, com questões em aberto, hesitações, tateamentos. Destacaremos, no entanto, os pontos mais fortes e bem acabados e também os pontos mais hesitantes.

O mote de Silva (2017) é a discussão da noção de sociedade em Benveniste. Considera, a partir da leitura de textos do Vocabulário das Instituições Indo-Europeias, que a “noção de gesto surge como mediadora entre língua e sociedade” (2017, p. 89). Surpreende a questão do gesto, tanto no texto *Philos* do *Vocabulário I*, quanto em três artigos do PLG I e II, a saber, “Da subjetividade na linguagem”, “A forma e o sentido na linguagem” e “A semiologia da língua”. Começa destacando as afirmações de Benveniste sobre as relações entre língua e sociedade neste último texto, observando que a relação língua e sociedade é “duplamente significante (...), pois Benveniste reconhece a autonomia da ‘sociedade’ como sistema semiótico ao mesmo tempo que indica que essa ‘autonomia’ somente é possível graças à língua e sua dupla natureza de representar e ser representada” (p. 90). Apesar de o texto fazer uma reflexão sobre a noção de gesto de cortesia, a autora não explicita claramente o elo entre as noções de ‘gesto’ e ‘sociedade’ em Benveniste. Fica então subentendido que gesto pode ser uma categoria social e uma categoria linguística ao mesmo tempo.

Em seguida, a autora faz uma das observações/descobertas mais interessantes em seu texto, observação no texto de Benveniste de que relação entre análise intralinguística e análise translinguística se realiza por *vias linguísticas* e conclui: “a noção de vias linguísticas está atrelada a especificidades textuais, discursivas e, também, sociais” (p. 91). Parece-nos, assim, que a passagem de uma análise intralinguística a uma análise translinguística se realiza por via(s), em que “a análise semiológica da língua é uma constante reinvenção da língua, uma abertura ao imprevisto do sentido”. (p. 91). Completamos: a metáfora das ‘vias linguísticas’ nos leva a pensar que há em Benveniste uma proposição de funcionamento da língua/linguagem que admite a abertura de uma relação





heterogênea entre sistemas linguísticos e não-linguísticos, e, principalmente, considerando a própria heterogeneidade interna constitutiva da linguagem. Assim, a própria possibilidade de uma ‘análise translinguística’ indica uma abertura que só uma noção de gesto concebida pela linguagem poderia dar conta.

Por fim, Silva (2017) apresenta considerações sobre a caracterização de gesto como *sublinguístico*, no texto “A forma e o sentido na linguagem” e gesto como *não linguístico* em “Da subjetividade na linguagem”. Sem questionar se esses usos são pré-teóricos, apenas observando a hesitação de Benveniste em sua caracterização, a autora levanta abruptamente a questão: “o gesto pode ser considerado um indicador de subjetividade assim como as noções de pessoa, tempo e espaço?” (2017, p. 95). Entendemos que a dificuldade da autora em teorizar sobre o gesto advém da circunscrição à “palavra”. Somente o investimento em uma teorização sobre o gesto em uma teoria da linguagem pode colaborar para esse intento.

Tal esforço de teorização encontramos em Badir et. al. (2019). O linguista começa retomando o sentido de figura tal como explorado por Ricouer: ele desloca a ênfase da figura como ‘arsenal de técnicas argumentativas’ para a propriedade da *figuratividade*, tal como expressa já em Aristóteles, a saber, “colocar sob os olhos”, “fazer ver”. Badir atribui esse esquecimento da propriedade figural ao fato de a retórica colocar rapidamente a figura a serviço do “horizonte pragmático de uma persuasão” (BADIR et. al. 2019, p. 160). Percebemos que Badir tanto quanto Fiorin (2020) distinguem a propriedade tropológica da propriedade argumentativa da língua, atribuindo a cada uma delas funções distintas. Conclui Badir: “É a partir dessa ligação reencontrada entre enunciado e enunciação que nos propomos a dar conta do deslocamento terminológico, da figura ao gesto.” (p. 160).

Em seguida, Badir (2020) propõe o estudo de uma arqueologia da noção de gesto. Retoma uma larga tradição do que passará a denominar gesto discursivo. Apesar de referir brevemente à retórica, é na filosofia moderna que encontra apoio: “A concepção de gesto discursivo ativa essa distinção proposta nas margens da retórica (por Lyotard, 1971, no campo da filosofia, retomada mais recentemente por Zilberberg, 2010, no campo da semiótica) entre o *figurativo* e o *figural*.” (p. 161). O gesto é composto de uma versante *figurativa*, marcada no enunciado, e uma versante *figural*, que dá forma ao pensamento e de que o gesto é sustentáculo.

O figural deixa traços de sua atividade – o gesto – no discurso de que procede e que contém as figuras. Badir et. al. (2019) apenas não deixa muito claro se figurativo e figural constituem duas faces da mesma materialidade, tal como a clássica concepção saussuriana de signo, porém,





encontramos traços de que a resposta é negativa: “O gesto discursivo é a outra face da figura de estilo, e mais particularmente desse tipo de figuras que se desdobram sobre mais de um sintagma, sobre uma frase, várias frases, ou mesmo um texto inteiro e que chamaremos por vezes de ‘figuras de pensamento’.” (p. 161). Dada a importância da discussão de Lyotard (1971) sobre a figura, a apresentaremos mais adiante.

Na seção, *Por uma teoria do gesto*, Badir et. al. (2019) avança na caracterização do gesto e inscrição em uma linguística moderna. A primeira subseção, intitulada *Situar o gesto entre sequência textual e ato de linguagem*, já anuncia o lugar do gesto: entre o texto e a enunciação, ou em termos retóricos, antes da *elocutio* e no seio do *inventio*. Começa dizendo que o gesto, tal como a sequência, advém da *mesma hipótese composicional*, aplicada não ao enunciado mas à enunciação. Além do escopo ser diferente para gesto e sequência, por fim, Badir et. al. (2019) assinalam uma certa função de “fiscalização” dos tipos textuais ao dizer que: “o conceito de gesto discursivo deve permitir testar, à sua maneira, a adequação de tais « tipos de textos » em função de percursos discursivos que são extraídos de textos particulares.” A nosso ver, essa função é particularmente interessante, uma vez que é ela que permite aos chamados “gestos de interpretação” o exercício da função crítica e metalinguística da linguagem. Por fim, Badir trata da relação entre gesto e ato: reforça que, para além da ênfase argumentativa dos estudos argumentativos atuais (Amossy, 2000), o que o gesto faz é constituir uma saliência do discurso, manifestando um propósito do discurso, um “começo do discurso”, ressaltando ainda que o gesto não se apresenta explicitamente em glosas, mas que é em geral “implícito, pois constitutivo do discurso” (p. 164). Essa última afirmação poderia, à primeira vista, provocar certo desalento no linguista descritivo. No entanto, sabemos que Authier-Revuz (1998) também propôs uma articulação bem sucedida entre uma concepção constitutiva e explícita das não-coincidências entre dizer e dito, sem que sua proposta classificatória tenha sido banalizada. É também essa a nossa busca.

Em seguida, o autor procede a uma análise de “gestos científicos” em três artigos de linguística. Fiquemos com as conclusões, apresentadas na seção *Caracterização dos gestos*, que constituem, assim, três traços principais: 1º) os gestos não são localizáveis no discurso, cabendo à *análise reconstruir o desenho/projeto de discurso*; 2º) a *sintaxe dos gestos é a de entrelaçamentos*: há na mesma frase, proposição, expressão, uma quantidade maior ou menor de gestos relacionados, de acordo com a visada analítica proposta; 3º) por fim, na constituição mesma do gesto, as funções de descoberta (*inventio*) e de disposição (organização ou *dispositio*) estão em *relação de continuum* e não de sucessão.





Badir et. al. (2019) ponderam, ao final, sobre dois pontos, os *efeitos da gestualidade*, indicando que o gesto não apenas tem efeitos na configuração do *ethos*, mas também no *pathos* e na orientação do enunciatário, e os *gestos e imaginários de saber*. O linguista indica que os gestos em discursos científicos tendem a um engessamento disciplinar muito grande, “limitando fortemente as escolhas e a apropriação de gestos discursivos entendidos como movimentos próprios ao pensamento e ao discurso de um sujeito” (p. 178). *Teorização do gesto, conceitualização na linguística, descrição em um campo de saber, efeitos de gestualidade e imaginário do saber*: o autor parece nos instruir muito claramente sobre um percurso teórico a fazer.

Nas próximas seções, apresentaremos uma discussão metodológica sobre o gesto na obra de Benveniste (*PLG I e PLG II*): como ler o gesto, como observar seus efeitos em uma perspectiva enunciativa? E na perspectiva de uma teoria da linguagem?

2 GESTO: EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA DE LEITURA DO *GESTO* NA OBRA DE ÉMILE BENVENISTE

É necessário pensar em soluções para compreender a presença do gesto na obra de Émile Benveniste. Como vimos em nossa leitura crítica do trabalho de Silva (2017), a simples ‘captura’ da palavra ‘gesto’ espalhada em artigos de Benveniste não contribui de forma suficiente para elucidar sentido(s). Acreditamos que, independente de buscar coletar sinônimos para o gesto ou mesmo definições associadas, não é numa perspectiva “terminológica” que abordaremos a questão, que é, de fundo e de direito, da ordem da retórica e da enunciação. Seguimos aqui a observação de Badir (2009), a propósito da especificidade da semântica em retórica e do estudo da figura no texto:

La figure de rhétorique manifeste non pas un écart vis-à-vis du reste du texte, mais un écart que le texte tout entier entretient vis-à-vis de la norme grammaticale. La figure est donc localisable, mais non le sens rhétorique que le parcours interprétative déduit à partir d'elle. Aussi l'écart ne se fixe-t-il pas entre uns sens rhétorique et un sens dit litteral. (...) Ce faisant, ce n'était pas alors une gramaticalisation qu'ils operant sur le propre et le figuré, mais une lexicalization, don't rend compte encore aujourd'hui l'ordre des sens dans les principaux dictionnaires. Et l'esthétique classique, asservie au Beau naturel, renchérisait sur cette normativisation en stigmatisant des pans entiers du vocabulaire. (BADIR, 2009, p. 75)

A citação de Badir (2009) é suficientemente clara e apóia nossa decisão de não utilizar o método lexicológico ou associativo para compreender o gesto em perspectiva benvenistiana. Nesse sentido, procuraremos “*inaugurar*” antes uma perspectiva sobre o estudo do gesto do que propriamente





elencar listas exaustivas de relações contextuais na história linguística do termo. Como veremos na próxima seção, essa inauguração incide sobre um texto de Benveniste pouco estudado “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, justamente pois nele vemos um gesto de inauguração, um apelo ao estudo da dimensão tropológica da linguagem. Vejamos:

Uma vez que pomos a linguagem organizada em correspondência com o psiquismo elementar, introduz-se no raciocínio um dado novo que rompe a simetria que pensávamos estabelecer. O próprio Freud, sem o saber, deu a prova disso no seu engenhoso ensaio sobre a negação. (...) O que subsiste então do recalque não é mais do que uma repugnância em se identificar com o conteúdo, mas o sujeito não tem mais poder sobre esse conteúdo. Ainda que o seu discurso possa prodigalizar as contestações mas não abolir a **propriedade fundamental da linguagem, que consiste em implicar em que “algo” corresponde àquilo que se enuncia – algo e não “nada”**.

Chegamos aqui ao problema essencial do qual todas essas discussões e o conjunto dos processos analíticos atestam a instância: o simbolismo. Toda a psicanálise se funda sobre uma teoria do símbolo. Ora, **a linguagem é apenas simbolismo**” (BENVENISTE, 1989, p. 91-92, grifos nossos).

Esse texto, bastante complexo, em que Benveniste avalia, critica e enaltece a descoberta freudiana do inconsciente, ao mesmo tempo que rechaça uma ‘simetria’ entre inconsciente e linguagem, apresenta, a nosso ver, o marco inaugural do estudo do gesto em Benveniste. Nele, como vemos, importa menos a ‘enunciação’ como fim, como objeto teorizável, do que a enunciação como meio, como “*conceito catalisador*” (FINATTO, 2004, p. 101) de uma teoria da linguagem. Benveniste é o linguista que articula uma análise da língua a uma teoria da linguagem, ou nas palavras certas de Flores (2019): “Benveniste, mais do que qualquer outro linguista, possibilita ancorar uma linguística verdadeiramente preocupada com as formas da presença na língua; uma presença inventiva que não poderia ser desvinculada da constitutiva condição do *homem na linguagem*” (FLORES, 2019, p. 61).

Ressaltamos ainda na citação que Benveniste destaca aí a propriedade fundamental da correspondência entre os “objetos do inconsciente” (sonhos, fragmentos de recalque, imagens, ideias, palavras) e os “objetos da enunciação”. Assim, flagramos em Benveniste uma discussão que avalia não somente a propriedade referencial da linguagem (a relação língua e mundo), explorada sobejamente na linguística brasileira, mas também *propriedade correspondencial da linguagem*. Não há, no entanto, “simetria”: o inconsciente depende de uma “linguagem”; já a linguagem é “apenas” simbolismo. Haveria, então, nesse caso, uma relação de interpretância entre língua e as figuras do sonho para o sujeito que se analisa, gesto esse que “revelaria” a propriedade correspondencial da linguagem? A citação da conclusão do texto de Benveniste pode nos ajudar a responder a essa questão:





A continuarmos essa comparação, tomaríamos o caminho de fecundas comparações entre a simbólica do inconsciente e certos processos típicos da subjetividade manifestada no discurso. Pode-se, ao nível da linguagem, precisar: trata-se dos processos *estilísticos* do discurso. De fato, é no estilo mais que na língua, que veríamos um termo de comparação com as propriedades que Freud desvendou como sinaléticas da “linguagem” onírica. Ficamos impressionados com as analogias que aqui se esboçam. O inconsciente emprega uma verdadeira “retórica” que, como o estilo, tem as suas “figuras”, e o velho catálogo dos tropos proporcionaria um inventário apropriado aos dois registros da expressão. Encontram-se aí, num e noutro, todos os processos de substituição engendrados pelo tabu: o eufemismo, a alusão, a antífrase, a preterição, a litotes. A natureza do conteúdo evidenciará todas as formas da metáfora, pois é de uma conversão metafórica que os símbolos do inconsciente tiram o seu sentido e ao mesmo tempo a sua dificuldade. (...) O que há de intencional na motivação governa obscuramente a maneira pela qual o inventor de um estilo configura a matéria comum e, à sua maneira, se liberta dela. Na verdade, aquilo a que chamamos inconsciente é responsável pela maneira como o indivíduo constrói a sua pessoa, afirma, recalca ou ignora isto motivando aquilo (BENVENISTE, 1989, p. 93-4).

Três observações fundamentais podem ser retiradas da citação:

- a) a propriedade correspondencial da linguagem funda uma *estilística* contida no discurso do sujeito. Uma questão que não quer calar: teríamos aí cumprida a promessa saussuriana da “linguística da fala”?;
- b) O estilo de um sujeito é composto de sua própria retórica, suas figuras e seus processos de substituição engendrados pelo tabu (interdição social da língua); há, nesse processo, uma “invenção”;
- c) A metáfora e demais figuras de linguagem são processos de substituição utilizados tanto para *expressar* seu desejo quanto para se *libertar* dele: há que se considerar assim não somente uma “estilística” ou dimensão afetiva da linguagem, mas também um espaço “escatológico” ou dimensão (de)liberativa da linguagem³ nos processos da propriedade correspondencial da linguagem, quer dizer, processos de formação e de dissolução imagética ou figural; em outras palavras, na dimensão afetiva, o sujeito coleta “imagens” e constrói sua “pessoa”; na dimensão escatológica, o sujeito descarta “imagens” e diferencia sua pessoa de outras;
- d) Os processos de substituição engendrados pela relação entre o inconsciente e a dimensão social da língua são mobilizados em gesto(s) pelo sujeito para formular e se apropriar de sua

³ Sobre a dimensão expressiva ou escatológica da linguagem, os artigos de Benveniste, a saber, “Eufemismos antigos e modernos” (PLG I) e “Blasfemia e eufemia” (PLG II) inauguram, a nosso ver, um ponto de vista inovador nos estudos da linguagem, referido como a oposição entre a “linguística normativa e a anti-gramática” por Ono (2015, p. 86-7) ou os “fenômenos marginais da linguagem” (Stumpf, 2020, p. 128). Diferentemente de Stumpf (2017; 2019; 2020), não abordaremos a relação blasfemia/eufemia como fato ético e político ou como modo de enunciação. O estudo do eufemismo será realizado como parte integrante das “figuras de linguagem” em uma teorização sobre a propriedade correspondencial da linguagem, delineado no presente trabalho e tarefa do próximo artigo (conforme seção 7, a seguir). Assim, em nossa leitura do texto de Benveniste, há dois espaços de *conversão metafórica* na linguagem: um afetivo e outro escatológico. Talvez as “velhas figuras de linguagem”, de que fala Benveniste, devem ser reclassificadas em função da mobilização subjetiva de um indivíduo em sua dupla dimensão de afetividade e liberação.





enunciação. Tais processos são manifestados em *gesto(s)*, posto que percebidos na situação interlocutiva e mais agudamente na situação (psic)analítica: afirmar, recalcar, ignorar são simultaneamente processos estilísticos (da língua) e estratégias subjetivos (do inconsciente). O gesto, tal como a enunciação, é, então, uma instância mediadora entre o inconsciente e o discurso.

Para sustentar esta última afirmação, é necessário explorar o gesto como conceito operador da linguagem. Para isso, seguiremos o percurso investigativo de Badir (2019): poremos em relação as proposições linguísticas esboçadas por Benveniste nesse texto ao estudo e análise da linguagem e a dimensão figural no filósofo Lyotard (1971). O filósofo discute a proposição “a língua é composta de signos”, a partir do texto “Natureza do signo linguístico”, de Émile Benveniste, abrindo espaço para o estudo da dimensão simbólica da linguagem.

3 GESTO E FIGURA: ARTICULAÇÃO PARA A OPERACIONALIDADE DA PROPRIEDADE CORRESPONDENCIAL DA LINGUAGEM

Nessa seção, apresentaremos um capítulo da obra de Lyotard (1971), com o sugestivo título *Discours, Figure*, em que se evidencia, a nosso ver, a discussão de alguns pressupostos da Linguística e também a proposta de uma análise da propriedade correspondencial da linguagem, a saber, “Signe linguistique?”. Esse texto da obra de Lyotard (1971) foi escolhido em função do debate direto de postulados dos linguistas Ferdinand Saussure e Émile Benveniste.

No texto “Signo linguístico?”, Lyotard discute a afirmação saussuriana de que a “língua é feito de signos”, nos seguintes termos: “est-il vrai que le mot diffère du signe par l'arbitraire ou bien cet arbitraire n'est-il pas le symptôme d'une situation beaucoup plus radicale, qui est que le mot n'appartient pas à la sphère semiologique, mais lui est tangent?” (p. 73). Esse questionamento surge em função da natureza do discurso, o qual não é, a seu ver, homogêneo, mas duplo: espaço de descontinuidade onde a significação toma forma, e, de outro lado, espaço de designação que circunda o discurso e o abre à referência. Já nesse ponto inicial da argumentação, poderíamos lembrar a Lyotard (1971) que Benveniste, saussuriano, postula que a dupla propriedade da língua de significar e referir pertence de fato à “língua”?

No entanto, numa leitura atenta do texto “Forma e sentido na linguagem” (PLG II) quanto de “O aparelho formal da enunciação” (PLG II), veremos que não é simplesmente a “língua”, tal como definida por Saussure que apresenta esse duplo aspecto, mas a articulação entre língua e discurso, que Benveniste denominou aparelho formal da *enunciação*. Citando em seguida o texto





“Observações da função freudiana da linguagem” (PLG I), especialmente, o que chamamos anteriormente de *propriedade correspondencial da linguagem*, o Lyotard finaliza o parágrafo reafirmando a “insuficiência” da língua de delimitar o “algo” da referência: “Tout acte de parole est à cet égard un moyen d'appréhender quelque chose qui n'est pas de langue, qui ne peut pas trouver sa place au sein de l'énoncé, mais qui se maintient, comme son thème imprenable, dans l'ouverture du discours.” (1971, p. 74).

Ainda sobre o tema da arbitrariedade do signo, Lyotard (1971) apresenta a reflexão de Benveniste no texto “A natureza do signo linguístico” (PLG I). Menciona que, para o linguista, duas relações tomam parte na constituição da língua: a do significante com o significado (imane) e a relação entre o signo e o objeto (transcendente). Bem observa Lyotard (1971, p. 77) que Benveniste se deixa guiar, claramente, pela experiência do locutor. Acrescenta que tal experiência é a do ‘apagamento’ do significante em detrimento do ‘significado’. A exceção, diz Lyotard (1971), é o poema, pois o tratamento artístico justamente escapa à vocação linguística da comunicação, à transparência do significante. Para completar, trazemos uma citação que nos leva a pensar o ponto exato onde a língua, para o discurso falante, constitui as “figuras”:

Dans les messages que nous échangeons même quand ils ne sont pas de simple routine, les sons ne sont pas produits en “remplacement” des idées, ils ne “tiennent lieu” de rien, mais ils sont ce qu'ils signifient: É. Benveniste n'indique rien d'autre quand il rappelle, à propos de la thèse saussurienne de l'arbitraire, la forte motivation qui “à l'intérieur” du signe, pour ainsi dire, **soude signifié et signifiant**” (LYOTARD, 1971, p. 79, grifos nossos).

A “soldagem” entre significado e significante acontece na experiência comum do falante e que o analisando refaz em sua experiência analítica e o poeta desfaz e refaz no seu trabalho sobre a linguagem. De qualquer forma, as “figuras da linguagem” estão aí postas na base da experiência de qualquer sujeito, de forma mais ou menos ingênua. Mais adiante, Lyotard irá esclarecer o que entende pelas dimensões do figural, do figurativo e da figura. Por ora, retomemos o que pensamos entrever aí como uma primeira definição de “figura”: *constitui figura a experiência comum do falante de considerar um certo conjunto de signos em seu aspecto “significativo”, ou na ligação entre um “sentido” e uma “coisa” sem atender para o fato de que a “correspondência” que faz entre “língua” e “pensamento” ou entre “fala” e “língua” possa haver outras correspondências e sentidos possíveis.* A figura surge então de uma “ignorância” constitutiva do falante.

Mais ainda, nesse mesmo capítulo, Lyotard (1971) especifica a relação entre língua e objeto, elaborando uma reflexão sobre a noção de gesto em viés antropológico. Traz a hipótese de Leroi-





Gourhan, para quem a origem da linguagem se deu na *presença* do gesto apontando para ritos e cenas pintadas nas cavernas simultaneamente às falas no exercício da função sagrada da linguagem. Assim, há uma dupla propriedade da linguagem agindo conjuntamente: ao invés de substituir a coisa e a bloquear, a palavra, na experiência do falante, perfura a coisa, trazendo-a à vista. A opacidade está no objeto, não no mundo, mas no momento em que a palavra aparece, o objeto designado se torna signo. Com isso, entendemos que *o gesto é um conceito catalisador da propriedade correspondencial da linguagem: ao operar na “presença” entre língua e objeto, possibilita a formação das figuras*. Flagrar a ‘presença’ entre língua e situação discursiva, entre língua e “mundo”, é tarefa mais ou menos evidente a depender da intencionalidade discursiva do sujeito, afinal, em determinadas situações de diálogo, compreender o “desejo” do outro pode ser perigoso ou passível de ser sabotado ou “frustrado”⁴ pelo ouvinte.

Na próxima seção, faremos uma análise do gesto e da formação de figuras no discurso do poeta Borges.

4 ANÁLISE DA PROPRIEDADE CORRESPONDENCIAL NO E PELO DISCURSO

Nessa seção, procuraremos demonstrar que o gesto articula e catalisa a formação de figuras de linguagem no discurso. Elegemos o tema do “espelho” em dois poemas do poeta Borges (2016). Procuraremos responder: a) como o objeto “espelho” é apreendido pelo(s) gesto(s) e figurado em cada um dos poemas; b) se a figuração resultante é semelhante, garantindo uma “unidade” do desejo do sujeito.

Espeelho 1 - *Los espejos*

*Yo que sentí el horror de los espejos
no sólo ante el cristal impenetrable
donde acaba y empieza, inhabitable,
un imposible espacio de reflejos*

*sino ante el agua espectacular que imita
el outro azul en su profundo cielo*

⁴ Em sua Teoria da Falta do Objeto, uma das primeiras questões que se coloca Lacan (1995) é “o objeto é ou não real?” (p. 29). Para o autor, trata-se não de “objeto”, mas de “falta de objeto” que atua na constituição das três formas de falta de objeto: a castração, no nível simbólico; a frustração, no nível imaginário; e a privação, no nível real. Caberia elaborar uma reflexão mais extensa sobre a concepção de “objeto” nas teorias freudiana e lacaniana do inconsciente. No momento, cabe-nos sublinhar que seja em sua irrealidade (relação do sujeito com seu inconsciente), seja em sua presença/ausência (relação do sujeito com a cultura), a relação sujeito/objeto parece operar sempre por “figuras”.





*que a veces raya el ilusório vuelo
del ave inversa o que un temblor agita
y ante la superficie silenciosa
del ébano sutil cuya tersura
repite como um sueño la blancura
de un vago mármol o una vaga rosa*

*hoy, al cabo de tantos y perplejos
años de errar bajo la varia luna,
me pregunto qué azar de la fortuna
hizo que yo temiera los espejos*

*Espejos de metal, enmascarado
espejo de caoba que em la bruma
de su rojo crepúsculo disfuma
ese rostro que mira y es mirado,*

*infinitos los veo, elementales
ejecutores de um antiguo pacto,
multiplicar el mundo como el acto
generativo, insomnes y fatales.*

*Prolongan este vano mundo incierto
en su vertiginosa telaraña;
a veces em la tarde los empañá
el hábito de un hombre que no ha muerto.*

*Nos acecha el cristal. Si entre las cuatro
paredes de la alcoba hay un espejo,
ya no estoy solo. Hay otro. Hay reflejo
que arma en el alba un sigiloso teatro*

*Todo acontece y nada se recuerda
en esos gabinetes cristalinos
donde, como fantásticos rabinos,
leemos los libros de derecha a izquierda,
(...)*

*Dios (he dado en pensar) pone um empeño
em toda esa inasible arquitectura
que edifica la luz com la tersura
del cristal y la sombra con el sueño.*

*Dios há creado las noches que se arman
de sueños y las formas del espejo
para que el hombre sienta que es reflejo
y vanidade. Por eso nos alarman.*

(Borges, 2016, p. 117)

Em Los Espejos, vemos que o poeta declara seu “horror” aos espelhos e se questiona: o que há nesse objeto que tanto mal estar lhe causa? De início, já apresenta um “duplo motivo”: sua



propriedade “impenetrável” e sua propriedade “mimética” - *que imita el outro azul en su profundo cielo*. Já entendemos que é essa “espessura” figural dos espelhos que assusta o poeta: o espelho imita sem deixar ser penetrado em seus segredos, ou é impenetrável e imita sem “sentido”. Um terceiro motivo ainda atormenta o poeta - *ejecutores de um antiguo pacto, multiplicar el mundo como el acto generativo, insomnes y fatales*. Os espelhos “imitam” o poder divino da criação, mas se trata de uma criação “vã” e “sem sono” (logo sem sonhos, verdadeiras “criações” da mente). Os espelhos, de fato, não criam, não imaginam, não formam figuras. Segue ainda descrevendo um outro horror dos espelhos: fazem o “teatro” da presença, onde não há formação de “memória” - *Todo acontece y nada se recuerda en esos gabinetes cristalinos donde, como fantásticos rabinos, leemos los libros de derecha a izquierda*. Por fim, no verso final, o poeta revela o motivo do seu real mal estar: o espelho é uma “criação divina” para fazer com que nos sintamos que somos somente “reflexo e vaidade”.

Nesse poema, o “espelho” revela-se paulatinamente como “criação divina” que mostra ao homem o quanto ele está separado de Deus, o quanto é somente “figura” sem fundo, forma sem ‘opacidade’, sem “memória”, sem “mistério”. Esse é o terror do poeta, o terror do humano: que não existamos em um “corpo”, que sejamos apenas “espelho” vão e fútil do “outro”, que, fatalmente, não façamos “figura”.

Leiamos o segundo poema de Borges (2016):

Espelho 2

Al espejo

*¿Por qué persistes, incessante espejo?
¿Por qué duplicas, misterioso hermano?
el menor movimiento de mi mano?
¿Por qué en la sombra el súdito reflejo?
Eres el otro yo de que habla el griego
y acechas desde siempre. En la tersura
del agua incierta o del cristal que dura
me buscas y es inútil estar ciego.
El hecho de no verte y de saberte
te agrega horror, cosa de la magia que osas
multiplicar la cifra de las cosas
que somos y que abarcan nuestra suerte.
Cuando esté muerto, copiarás a otro
y luego a otro, a outro, a outro, a otro...*
(Borges, 2016, p. 420)

Em *Al espejo*, diferente do anterior, o poeta se dirige diretamente ao espelho, como se esse fosse um interlocutor. Trata-se de um poema curto, em que o poeta questiona as ações do espelho -





Por qué persistes, incessante espejo? ¿ Por qué duplicas, misterioso hermano? el menor movimiento de mi mano?. Chama o espelho de “misterioso irmão”, talvez no intuito de fazer com que ele responda. Essa personificação – *prosopopeia*, na terminologia clássica das figuras de linguagem – acaba por “matar” o locutor – que ao perguntar em vão ao espelho – não obtém dele respostas, como o mostra o desalento final: *Cuando esté muerto, copiarás a outro y luego a otro, a outro, a outro, a otro...* A figuratização do espelho como “vivo” (*prosopopeia*) acaba por “matar” o sujeito falante, que se vê reduzido a questionar em vão, a ser transformado em “eco”, em “caco”.

Se, no primeiro poema, a figuratização do homem não se inicia, é interdita; no segundo poema, a figuratização é feita em pedaços, em ecos, em cacos. O “espelho” é, em si, uma figura que estiliza o sonho humano de se fazer figura, de se fazer memória e ser importante. A correspondência Deus-homem é interdita no primeiro poema; no segundo, a correspondência homem-espelho estiliza o sonho humano de, via monólogo, conhecer a si mesmo. Com isso, compreendemos que a realização da propriedade correspondencial do discurso depende do exercício da intersubjetividade na e pela linguagem.

5 CONCLUSÃO: GESTO COMO CATEGORIA LINGUÍSTICA: INCORPORAÇÃO OU EXTERIORIDADE TEÓRICA?

É hora de fazer um gesto de “retomada”. De forma mais ou menos explícita, “na surdina” e na escuta, diríamos, observamos que o gesto não está nem numa posição de incorporação e nem de exterioridade teórica à linguística. Não queremos aqui elaborar ‘exteriores’ teóricos à linguística, tal como faz uma linguista como Authier-Revuz (1998). A nosso ver, em especial a partir da leitura do texto “Observações da função da linguagem na descoberta freudiana”, de Benveniste (1989) e de Lyotard (1971), o gesto é parte operatória da propriedade correspondencial da linguagem. Não cabe, a nosso ver, estipular “fronteiras”, estabelecer “nichos”, e sim, assinalar um lugar para a capacidade humana de dar forma ou distorcer imagens e desejos. O inconsciente tem uma estrutura autônoma, sim, porém, está em relação e constitui linguagem consciente, e inclusive condiciona uma função “nova”, a dita “descoberta freudiana” de que há um estilo do sujeito, há uma estilística *implícida* na fala, constituída de figuras sempre particulares. Ou como diz Aubral (1999, p. 199-200), leitor de Lyotard (1971):





La figure se fait chair, mais ne donne de la chair que sa vibration sur le mode de l'affect. La figure ne se limite plus à une simple extériorité révélant et constituant la forme des choses, leurs dehors, mais prend la dimension de l'intériorité, du dedans (AUBRAL, 1999, p. 199-200, grifos nossos)

Borges, quando escreve sobre o espelho no segundo poema, elege a prosopéia e seus processos reversos de personificação e despersonificação numa “energética” (LYOTARD, 1971) de figuras interoperacionais. Quando escreve o primeiro poema, mostra a interdição na possibilidade mesma de criar figuras: a castração radical? Assim, a análise nos mostra que há, na verdade, dois níveis de figuras de linguagem, o nível das figuras produzidas pelo sujeito e o nível da produção de figuras, ou, em termos mais conhecidos, o nível das *figuras de linguagem no enunciado* e o nível das *figuras de linguagem na enunciação*. No primeiro, as figuras fazem “apagar” o gesto, se estabelecem e ganham “materialidade linguística”; no segundo, as figuras não se constituem, estão interditas, e o gesto “vazio”, “vão” de questionar a Deus, ganham visibilidade. Nesse ponto, concordamos com Badir (2019), quando afirma que é essa a ligação reencontrada entre enunciado e enunciação que dá conta do *deslocamento* terminológico que propomos, da figura ao gesto.

No deslocamento entre figura e gesto, há que se considerar as “vias linguísticas” (SILVA, 2016) que conduzem o sujeito, em seu fazer textual, a, ora fazer emergir, gesto, ora, fazer emergir figura. No primeiro poema, a via linguística escolhida é a do monólogo, logo, a formação de figuras fica prejudicada em função de um puro gesto de “busca”; no segundo poema, em que há tentativa de diálogo, de estabelecimento de interlocução, há, de fato, formação de figuras. Assim, a análise prévia aqui apresentada nos leva a considerar um terceiro fator na relação gesto-figura, o *diálogo*, a condição intersubjetividade da linguagem. É assim tarefa do próximo artigo explicar as relações entre a propriedade correspondencial e a propriedade intersubjetiva da linguagem.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.
- AUBRAL, F. Variations figurales. In: AUBRAL, F. CHATEAU, D. **Figure, figural**. Paris: L'Harmattan, 1999. p. 197-244.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- BADIR, S. Spécificité du rethorique. De Roland Barthes à François Rastier. In: BALLABRIGA, M. (dir.). **Sémantique et rethorique**. Editions Universitaires du Sud, 1998. p. 59-79.





BADIR, S. POLIS, S.; PROVENZANO, F. Figuras da enunciação: os gestos discursivos do saber. Tradução de Silvana Silva. **Translatio**. Porto Alegre, n. 17, p. 158-181, 2019.

BADIR, S. POLIS, S.; PROVENZANO, F. Benveniste seria hoje linguista da enunciação? Tradução de Silvana Silva. **ReVEL**, vol. 18, n. 34, p. 39-67, 2020.

BARTHES, R. L'ancienne rhétorique [Aide-mémoire]. In: **Communications**, 16, 1970, p 172-223. Recherches rhétoriques. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/comm.1970.1236> https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1970_num_16_1_1236. Acesso em: 08 dez. 2021.

BATISTA, R. de O. **Introdução à historiografia da linguística**. São Paulo: Cortez, 2014.

BENVENISTE, E. Natureza do signo linguístico. In: BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 53-60.

BENVENISTE, E. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. In: BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 81-96.

BENVENISTE, E. A blasfêmia e a eufêmia. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1990. p. 259-262.

BORGES, J. L. **Poesía completa**. Buenos Aires: Delbolsillo, 2016.

FINATTO, M. J. B. Terminologia e linguística de corpus: da perspectiva enunciativa aos novos enfoques do texto técnico-científico. **Letras de Hoje**, 39(4), p. 97-106, 2004.

FIORIN, J. Linguística e Retórica. In: FIORIN, J. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 12-25.

FLORES, V. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: FLORES, V. TEIXEIRA, M. (orgs.) **O sentido na Linguagem**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 149-166.

FLORES, V. A linguagem e as línguas. I: FLORES, V. **Problemas gerais de linguística**. São Paulo: Vozes, 2019. p. 37-82.

FLORES, V. BARBISAN, L. FINATTO, M. J. TEIXEIRA, M. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FREUD, S. La interpretación de los sueños. In: FREUD, S. **Obras completas**. Volumen 1. Tradução Direta do Alemão. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967. p. 231- 585.

LACAN, J. Teoria da falta de objeto. In: LACAN, J. **O seminário. Livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 9-94.

LYOTARD, J. Signe linguistique? In: LYOTARD, J. **Discours, figure**. Paris: Klincksieck, 1971. p. 73-89.





LYOTARD, J. Le travail du rêve ne pense pas. In: LYOTARD, J. **Discours, figure**. Paris: Klincksieck, 1971, p.239-280.

LYOTARD, J. Le désir dans le discours. In: LYOTARD, J. **Discours, figure**. Paris: Klincksieck, 1971, p. 281-326.

MAINGUENEAU, D. Os discursos constituintes. In: MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008. p. 37-55.

ONO, A. “O nome é o ser”: notas preparatórias de Émile Benveniste ao artigo “A blasfemia e a eufemia”. Tradução de Silvana Silva. **Belas Infiéis**, vol, 4, n. 3, 2015.

SILVA, S. Uma leitura das relações entre língua e sociedade em Émile Benveniste a partir da noção de gesto. **Desenredo**, Passo Fundo, vol. 13, n. 1, p. 88-99, jan-abr. 2017.

SILVA, S. Dom e troca no Vocabulário Indo-Europeu: comentário sobre um texto de Benveniste. Dossiê Leituras de Émile Benveniste. **Desenredo**, Passo Fundo, vol. 14, n. 3, p. 490-503, 2018.

STUMPF, E. **No limite do diálogo**: eufemismo e enunciação em Émile Benveniste. 2017. Tese (Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

TEIXEIRA, M. **Análise de discurso e psicanálise**: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VIER, S. “Os perfumes, as cores e os sons se correspondem”: Benveniste e a busca pela imagem criativa em Baudelaire. **Revista Desenredo**, Passo Fundo, 14(3), 2018, 515-540, 2018.

Artigo recebido em: 18/03/2021

Artigo aprovado em: 18/10/2021

Artigo publicado em: 08/12/2021

COMO CITAR

SILVA, S. Gesto como categoria linguística: incorporação ou exterioridade teórica? **Diálogo das Letras**, v. 10, p. 1-18, e02125, 2021.

